

## BIOÉTICA E CONDIÇÃO HUMANA: DIÁLOGOS A PARTIR DE “ANDROIDES SONHAM COM OVELHAS ELÉTRICAS?”

### BIOETHICS AND HUMAN CONDITION: A DIALOGUE WITH “DO ANDROIDS DREAM OF ELECTRIC SHEEP?”

Nathalia Bastos do Vale Brito<sup>1</sup>

Jade de Oliveira Rocha<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo investigar a condição humana e a relação do ser humano com o meio ambiente, buscando apreender a importância dessas para se atingir o desenvolvimento sustentável. Utilizou-se, como metodologia, o método dialético e a técnica da pesquisa bibliográfica, tendo como ponto de partida o livro de Philip K. Dick e como marco teórico a teoria de Edgar Morin sobre a condição humana. Por meio da comparação entre a realidade distópica da obra literária e a realidade atual; a discussão a respeito da condição humana e a verificação da importância de se discutir bioeticamente a relação do ser humano e o meio ambiente para se alcançar o desenvolvimento sustentável, foi possível confirmar a hipótese levantada no trabalho. Qual seja, que para se alcançar o desenvolvimento sustentável, o primeiro passo é discutir a relação ser-humano e meio ambiente e repensar a forma dominante com a qual o ser humano lida com o meio ambiente, tomando consciência que é da condição humana pertencer ao meio ambiente, como indivíduo, sociedade e espécie.

**Palavras-chave:** tecnologia; condição humana; bioética; desenvolvimento sustentável.

**Abstract:** This article aims to investigate the human condition and the relationship between human beings and the environment, seeking to grasp their importance in achieving sustainable development. It was used, as methodology, dialectical method and bibliographical research technique, having as starting point the book of Philip K. Dick and as theoretical framework Edgar Morin’s theory about the human condition. By comparing the dystopian reality of the literary work with the present reality; the discussion about the respect of the human condition and the verification of the importance of bioethics discussion about the relationship between human beings and the environment to achieve sustainable development, the hypothesis raised in this paper was confirmed. Which is, that in order to achieve sustainable development, the first step is to discuss the relationship between human being and the environment and re-think the dominant way which humans are dealing with the environment, being aware of the human condition which is part of the environment, as an individual, society and species.

**Keywords:** technology; human condition; bioethics; sustainable development.

---

<sup>1</sup> Mestra em Direito Ambiental pela Escola Superior Dom Helder Câmara (ESDHC), professora de Direito da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Diamantina (UEMG); Diamantina, Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6206578986621723>. E-mail: [nathaliabvbrito@gmail.com](mailto:nathaliabvbrito@gmail.com). Pesquisa financiada pelo programa PAPQ-UEMG.

<sup>2</sup> Graduanda em Direito na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Diamantina (UEMG); Diamantina, Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2178021010367819>. E-mail: [jaderochoa1996@hotmail.com](mailto:jaderochoa1996@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

As novas tecnologias vêm trazendo muitos benefícios para a humanidade, porém, a sua presença constante traz consigo a sensação do risco e da insegurança, surgindo questionamentos acerca dos limites que vem sendo ultrapassados. Este contexto contribui para a projeção dos mais variados cenários, sendo fonte inspiradora para diversas obras literárias distópicas.

Dentre elas, destaca-se o livro “*Androides sonham com ovelhas elétricas?*” de Philip K. Dick, que trata de uma terra dizimada pela guerra nuclear, poluída por poeira radioativa, realidade na qual o meio mais seguro de sobrevivência é a migração para o planeta Marte. O livro representa as fronteiras da tecnologia, os limites os quais a humanidade não deseja e não está preparada a enfrentar.

Neste âmbito, a presente pesquisa tem como problema o seguinte questionamento: A compreensão da condição humana e a relação do ser humano com o meio ambiente são relevantes pontos de partida para se pensar em desenvolvimento sustentável?

Neste sentido, o objetivo geral do artigo é investigar a condição humana e a relação do ser humano com o meio ambiente, tendo como ponto de partida os questionamentos levantados pelo livro, utilizando-se de uma perspectiva bioética.

No atual cenário, preza-se pela busca do desenvolvimento sustentável, entretanto, é impossível alcançá-lo sem antes discutir a relação do ser humano com o meio ambiente. Alguns elementos da narrativa auxiliam nessa discussão, como a escassez de animais e a veneração que se tem aos poucos restantes, a existência de androides criados para servir o ser humano, representando as fronteiras entre o artificial e o orgânico, que colocam à prova a natureza da condição humana.

Dessa forma, como objetivos específicos, o trabalho busca comparar a realidade distópica do livro de Philip K. Dick com a atual realidade, especialmente quanto aos impactos tecnológicos; discutir a respeito da condição humana – utilizar como base o livro de Edgar Morin e o livro literário de Philip K. Dick; analisar criticamente a atual relação do ser humano e o meio ambiente; verificar a importância de se discutir a relação ser humano – meio ambiente para o desenvolvimento sustentável (e assim evitar que se chegue a uma realidade como a do livro de Philip K. Dick).

Levanta-se como hipótese, que a obra literária, juntamente com a teoria de Edgar Morin, permitirá discutir a condição humana, numa perspectiva em que o ser humano deve se

autocompreender como um integrante da natureza, que participa ativa e passivamente de seus processos e interações, não como um ser superior, capaz de manipulá-la. Dessa forma, abre-se uma oportunidade de repensar a forma dominante com a qual o ser humano lida com o meio ambiente e, somente assim, que será possível dar o primeiro passo para atingir o desenvolvimento sustentável.

Como metodologia, a pesquisa utilizará do método dialético e, como técnica, a pesquisa bibliográfica, tendo como ponto de partida a obra literária de Philip K. Dick e como marco teórico de análise bioética da condição humana, a obra de Edgar Morin, “O método 5: a humanidade da humanidade”.

A obra literária, juntamente com a teoria de Edgar Morin, permitirá discutir a condição humana, enfatizando a necessidade de que o ser humano se autocompreenda como um integrante da natureza, que participa ativa e passivamente de seus processos e interações, não como um ser superior, capaz de manipulá-la. Abrindo-se, assim, uma oportunidade de repensar a forma dominante com a qual o ser humano lida com o meio ambiente.

## **2 IMPACTOS TECNOLÓGICOS E SOCIEDADE: UMA COMPARAÇÃO COM REALIDADE DISTÓPICA DE PHILIP K. DICK**

Devido às consequências evidenciadas no livro, que foram causadas pela vaidade e por inconsequência do ser humano, percebe-se que a tecnologia não é capaz de suprir todas as necessidades básicas ou o mínimo para a sobrevivência do ser humano, como um ar puro e a água. Havendo a necessidade de repensar e reeducar o indivíduo pensante, mostrando que é parte da natureza, que é uma espécie como outra, que necessita dos recursos naturais.

A tecnologia é algo essencial na contemporaneidade, que deve ser um modo que ajude a preservar os recursos naturais e não trabalhe como se fosse um inimigo, havendo a necessidade do ser humano colocar o Meio Ambiente a frente de seu egoísmo, pensando nas próximas gerações e na preservação de espécies de animais e plantas, optando por um pensamento sustentável.

Diante da realidade deplorável que os personagens se encontram no livro, com os recursos naturais escassos e as espécies de seres vivos sendo raras, é criado um mundo sob a poeira radioativa que acaba por desenvolver um mundo mais triste e solitário. Assim, para ajudar a conseguir ter uma vida menos dolorosa, os personagens do livro, tem a opção de ter caixinhas de humor, podendo dosar o seu bem-estar conforme desejar, “se você regular a onda

num nível alto, vai ficar feliz quando acordar; é só isso” (Dick, 2014, p. 15), Rick em um dos seus primeiros diálogos com a sua esposa, sobre a programação do Penfield, a caixinha de humor.

Trazendo uma comparação em relação as redes sociais, as tecnologias utilizadas no momento atual, que servem para estampar uma realidade totalmente diferente do que realmente acontece na vida real, de maneira que passaram a dedicar o tempo, em construir uma vida, um personagem de si, no mundo virtual, do que realmente viver a vida e cuidar de si. Tornando cada dia mais, um século de pessoas felizes e perfeitas em redes sociais, e infelizes e insatisfeitas no mundo real.

Esta simulação tratada anteriormente, que é retratada nas redes sociais, traz a comparação até com o androide, pois as memórias, nas quais o androide acredita, é meramente aquilo que foi colocado em seu chip, o que foi programado, da mesma forma que o que é exposto em redes sociais é o que a própria pessoa manipula e quer que os outros vejam, na maioria das vezes.

O mundo estampado no livro, pode se comparar aos dias atuais em vários contextos, desde como pode chegar à Terra ao mesmo nível de vida do livro, não por uma guerra nuclear, mas por como está sendo utilizado de maneira irresponsável os recursos naturais. E, dentro de uma outra visão, na questão em que a maioria dos seres humanos estão tomados pelo mundo tecnológico de uma forma tão grande que passaram a dedicar o tempo, em prol desta outra realidade, o mundo virtual. Não é prudente ser extremista em dizer que a tecnologia é algo ruim por completo, pois ela traz consigo vários pontos positivos, mas a partir do momento em que está excesso, é algo a ser repensado, conforme o ser humano está lidando.

Outro aspecto relevante no livro está no fato de que, para se adequar à nova realidade que os seres humanos vivem, tornando a nova experiência na Terra menos dolorosa, há a necessidade de cuidar de um animal, de um ser vivo ou um androide, sendo sinônimo de status,

a coisa que mais sonhava no mundo era ter um cavalo, de fato qualquer animal. Ser dono de uma fraude era algo que ia gradualmente desmoralizando qualquer um. No entanto, do ponto de vista da sociedade, era necessário, dada a ausência de um artigo autêntico (Dick, 2014, p. 21).

Rick em mais de um dos seus pensamentos sobre a falta de possuir um animal de estimação, pelo seu ser uma réplica eletrônica. Contudo por status social, era melhor possuir uma ovelha elétrica, do que não ter um animal, tanto que mais a diante no livro, o personagem em seu primeiro salário como caçador de recompensas, compra um animal autêntico.

A identidade do livro é de um passado, presente e futuro sem espaço, marcado pela falta de empatia, e sem a necessidade de construção de um futuro melhor, já que as opções na Terra se tornam escassas, devido à falta de recursos naturais e pelo apego a tecnologia. Neste contexto, é demonstrado que para satisfazer este vazio as pessoas utilizam do consumo para tentar suprir as faltas diárias, realidade difundida com a atual. Em que se há a necessidade de estar cada vez mais parecido ao que é imposto pelos padrões sociais. Tornando uma vivência tóxica e cada vez mais deprimente interiormente, pois cada dia, atualmente, tem uma novidade, mostrando que consumismo algum é suficiente.

Bauman afirma que “a sedução consumista é canalizada, de modo que as pessoas que conseguem permanecer no jogo do consumismo não se preocupem com o estado da própria saúde” (Bauman, 1997, p. 57), ou seja, o importante é estar dentro do padrão imposto, para poder se sentir parte do sistema, independente se isto faz bem à saúde ou não. Em seguida, o próprio autor diz que,

Nils Christie denominou "a indústria da prisão", então a esperança de que o processo possa ter a marcha abrandada, para nem se falar em ser suspensa ou invertida, numa sociedade inteiramente desregulamentada e privatizada, animada e dirigida pelo mercado consumidor, é vaga - para se dizer o mínimo. (Bauman, 1997, p. 57).

Interessante destacar que mesmo a Terra quase inabitável, continua a sociedade ser manipulada através de programas de TV e apegadas ao que é imposto pelo Estado e pela mídia. Tendo o programa do “Buster Gente Fina e Seus Amigos Gente Boa”, que mostrava uma realidade diferente da vida real, com mulheres sobre o “ideal de beleza” que a sociedade induz a acreditar que é o correto, que era gravado através das colônias interplanetárias e sendo transmitidas via satélite para a Terra. Neste sentido,

O cabelo de Amanda brilhava, seus olhos cintilavam, seus dentes resplandeciam; ela nunca parava de trabalhar, nunca se cansava, nunca ficava sem resposta depois de sequência de piadas, zombarias e observações mordazes de Buster (Dick, 2014, p. 80)

O personagem, Isidore em um dos seus pensamentos críticos ao programa, demonstrado no parágrafo anterior demonstra mais uma vez o que a mídia impõe um padrão de beleza, na maioria das vezes inalcançável, e que boa parte da sociedade corre atrás de estar cada vez mais parecido ao que é mostrado e menos parecido ao que realmente se é.

A vida dos androides exposta no livro de Phillip K. Dick, é decadente por ser uma vida marginalizada, em que fogem dos caçadores de recompensas e buscam meios para tentar fazer com que vivam além dos 4 anos que tem de expectativa de vida, da mesma forma que alguns eletrônicos tem a expectativa de funcionamento. Assim, vemos que as tecnologias vieram para servir o ser humano e dar uma condição melhor para os seus afazeres diários, só que o que vem acontecendo é o contrário, as pessoas que estão sendo dominadas por estes meios.

No livro, os androides se tornam uma ameaça a sociedade, na visão do Estado, e o caçador de recompensas principal, Rick Deckard, vive em função de aposentar estes androides, através do teste realizado neles, distinguindo pela empatia, porém em determinado momento até o próprio caçador chega a se questionar, se seria possível até o próprio ser um androide e se a diferença estava realmente na empatia. Essa busca se dá quando eles fogem das colônias para vir a Terra, e tentam se misturar com os humanos para que não sejam reconhecidos.

Através do que foi anteriormente exposto, ao pensar que os androides são programados, traz o questionamento: até que ponto existe de fato uma programação? Pois a partir do momento em que eles fogem de uma colônia e começam a tentar ver meios de sobrevivência além do que foi programado, se tornando uma ameaça aos humanos restantes na Terra, programação prévia é algo a ser repensado. Platão afirma que "uma vida sem exame não é digna de ser vivida" (Platão, 2003, p.26) em consonância com a contemporaneidade do século XXI, em que a maioria das pessoas não controlam as tecnologias, mas são controladas por elas, vivem em função deste mundo virtual, sem questionar esta nova realidade, simplesmente são tomadas por várias informações que, muitas vezes, nem conseguem digerir, mas já estão reproduzindo.

O filme Matrix, criação das irmãs Wachowski, lançado em 1999, traz a crítica ao modelo seguido pela sociedade, onde o personagem principal, Thomas Anderson, é vítima do sistema, da tecnologia, porém ele começa a questionar aquela realidade distópica, em busca de liberdade, para não ser mais controlado por máquinas. Podendo ser comparado com a realidade do livro "Androides sonham com ovelhas elétricas?" e com a atualidade, pois mostra como a sociedade perdeu o controle perante as máquinas, e ao invés de se ver acima delas, estão sendo levadas e manipuladas pela tecnologia. Tornando-se submissos e se difundindo com as inteligências artificiais, como exprime no livro. É chegado um momento em que os androides estão tão parecidos com os humanos, que Rick Deckard chega a questionar a sua natureza humana, "de repente, pela primeira vez em sua vida, ele começava a duvidar" (Dick, 2014, p. 142).

Quero fazer a mim mesmo uma pergunta – disse Rick. - E quero que você me diga o que os ponteiros registram. (...) - Colocou o disco adesivo na própria bochecha e ajustou o feixe de luz de modo que incidisse diretamente em seu olho. (...) É uma resposta categoricamente empática. Próximo daquilo que um sujeito humano demonstra em relação à maioria das perguntas. (Dick, 2014, p.140).

Em torno das vivências atuais do mundo tecnológico, em que ocorreram várias mudanças em tão poucos anos, o ser humano não foi devidamente preparado estruturalmente, tampouco psicologicamente para receber tantas informações ao mesmo tempo, trazendo mais à tona, uma crise de identidade.

O mundo virtual veio mostrando o quanto há a necessidade de encontrar um equilíbrio para que isto não acarrete pontos tão negativos, de uma maneira irreversível. Em consequência com a dificuldade de lidar com tantas informações ao mesmo tempo, assim atingindo a psique humana, existe a dificuldade de diferenciar o mundo real do virtual. Sendo um processo em cadeia e agravando mais ainda nas crises de ansiedade, nas depressões, onde as pessoas procuram métodos mais rápidos e eficazes para que não precise sentir este vazio dentro de si, e não tenha que lidar com as questões internas. E na obra de Phillip K. Dick está situação é evidenciada através das caixinhas de empatia, que é o método utilizado para dosar o humor, e não ter que lidar de uma forma melancólica em relação a atual situação da sociedade, demonstrada no livro.

Cabe salientar, ainda, o aspecto ambiental, já que a forma com que estão sendo utilizados os recursos naturais, de forma inconsequente, há a possibilidade grande e não tão distante de chegar a mesma realidade do livro. Diante dessa realidade, imperioso é refletir acerca da condição humana e sua relação com a natureza.

### **3 A CONDIÇÃO HUMANA: DIÁLOGOS COM EDGAR MORIN**

Com o passar das décadas, percebe-se que o ser humano vem trazendo mudanças constantes, fazendo com que a percepção da sua condição se torne cada vez mais complexa, principalmente em razão de uma sociedade dominada pela tecnologia e a variedade de informações. Esta realidade traz a necessidade de um senso crítico auto, para saber diferenciar e conseguir selecionar o que realmente tem valor, e descartar o desnecessário.

Edgar Morin, em sua obra, “O método 5, a humanidade a humanidade, a identidade humana”, aborda sobre o ser humano em vários aspectos que influenciam em sua conjuntura,

pois são vários fatores externos que intervêm a particularidade de cada ser em sua individualidade. A análise do autor é muito mais profunda, analisando várias possibilidades que interferem na condição do ser humano.

O ser humano é a espécie mais complexa dos seres vivos, por ser um ser pensante, podendo ser estudado não só a sua condição física, mas a sua identidade viva, “o ser humano é plenamente físico e metafísico, biológico e metabiológico” (Morin, 2007a, p. 49). Edgar Morin em seu estudo sistêmico sobre o ser humano, estuda todas as áreas que influenciam esta espécie para a sua evolução, de uma forma interna e externa, com toda a complexidade envolvida.

Somos os únicos, na Terra, entre os seres vivos, a dispor de um aparelho cerebral hipercomplexo, os únicos a dispor de uma linguagem dupla para a comunicação entre os indivíduos, os únicos a dispor de consciência (...), mas não somos seres explicados somente pela cosmologia, pela física e pela biologia. Somos portadores da cultura na sua universalidade humana e nas suas características singulares. Somos os criadores e as criaturas dos reinos do mito, da razão, da técnica e da magia. (Morin, 2007a, p. 50).

Ele evidencia a forma em que a cultura influencia para a formação do indivíduo em uma análise sob uma visão individual e coletiva, o quanto o ambiente em que está inserido reflete em sua evolução, de um modo em que os aprendizados são passados de uma geração a outra, mas sempre inovando, de uma forma que estão sempre em constante evolução.

A cultura é, repitamos, constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, savoir-faire, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social. A cultura acumula o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta vários princípios de aquisição e programas de ação. (Morin, 2007a, p. 35).

Mesmo que sejam vários fatores externos que influenciem a formação do ser humano na esfera individual e social, não existe nenhum ser humano igual ao outro, mesmo que possa ter tido acesso as mesmas coisas, todos são diferentes. Hannah Arendt diz que “a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (Arendt, 2007, p.16), ou seja, cada um tem a sua particularidade, mesmo que exista vários fatores com que façam seguir as mesmas coisas, a sua condição em ser humano, uma espécie pensante e questionadora, se distinguindo das demais espécies.

No livro de Philipp K. Dick, *Androides sonham com ovelhas elétricas*, vimos que a negligência do ser humano fez com que o seu habitat virasse um lugar caótico, sem ter um



recurso para reparar os danos causados pela guerra nuclear, mesmo contendo alta tecnologia. Cabendo repensar o rumo que a sociedade contemporânea está tomando, em que os recursos naturais estão sendo usados de maneira impensada, para manter a vaidade em um mundo dominado pelo capitalismo/consumismo.

A discussão em relação ao ser humano ser parte do Meio Ambiente, como qualquer outra espécie, mas se distinguindo por constituir um ser que cria a sua própria realidade, que possui a capacidade questionar e estudar a sua própria realidade, Edgar Morin, afirma este pensamento ao dizer que o ser humano possui a plenitude da realidade humana com a consciência e o pensamento, comportando o todo da humanidade sem deixar de ser uma unidade singular e elementar da humanidade (Morin, 2007). Interessante este pensamento, pois ao mesmo tempo que o ser humano se vê fora da realidade por conter um senso crítico a realidade, faz parte do todo, é uma “partícula de vida” que compõe o ecossistema terrestre. Em mesma linha, Hannah Arendt, em seu livro *A Condição Humana*, diz que:

Além das condições que é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. (Arendt, 2007, p. 17)

Mesmo o ser humano fazendo parte do todo, criando a sua própria condição humana, adequando a natureza às suas necessidades, ele é dependente do meio em que vive, e deveria encontrar meios para não extinguir as outras espécies e os recursos naturais. É imperioso conservar para continuar tendo uma expectativa de vida por mais tempo e para que as próximas gerações não sofram com a falta de suprimentos, tendo em vista que, por negligência do homem, vários desastres irreparáveis estão ocorrendo com constante frequência de alguns anos atrás, até os dias atuais.

A realidade do livro de Philipp K. Dick e a junção de fatores na contemporaneidade, traz a reflexão de qual caminho os seres estão seguindo, devido ao consumismo exacerbado e ao pensar somente no lucro, em ter, ao invés de optar por meios que a tecnologia ajude a conservar os recursos naturais. O modo como os seres lidam com a condição em que vivem retratada no livro, diz muito como a maioria das pessoas vivem diante dos desastres ocorridos na Terra, todos os dias, simplesmente se acomodam na maioria das vezes, a maior parcela de pessoas, ou o seu modo de reação, de indignação é do sofá de casa, através de redes sociais. Enquanto isso, continuam a degradar o Meio Ambiente.

O futuro que construímos, é o presente que aceitamos. E a responsabilidade de conservação do Meio Ambiente é de todos os seres humanos que habitam hoje a Terra.

O problema enfrentado pela sociedade é o sistema utilizado para que as pessoas acreditem no que é melhor para si, que é imposto através da cultura e legitimado com o capitalismo, tendo por consequência o consumismo, levando as pessoas a acreditarem que para se adequar tem a necessidade de pertencimento. E este pertencimento vem através do momento em que o ser humano se anula, para achar que o certo é o que a mídia, as redes impõem.

Em consonância com o pensamento anterior, em mesmo sentido, Edgar Morin, diz que “a loucura humana aparece quando o imaginário é considerado como real, quando o subjetivo é considerado como objetivo, quando a racionalização é considerada como racionalidade e quando tudo isto está ligado” (Morin, 2007a, p.118), basicamente o seu pensamento reflete muito nos dias atuais, à medida que a cultura, entre outros dispositivos estatais, são meios usados como forma de controle.

Tendo em vista que, o meio externo influencia a condição do ser humano, para que ocorra a manipulação, reflete diretamente no Meio Ambiente, pois a partir do momento que para suprir os vazios internos da raça humana, é utilizado vícios externos, como o consumismo exacerbado sobre diferentes produtos, e a fonte primária para a realização destes são os recursos naturais, traz um desequilíbrio, no momento que estes recursos são utilizados sem pensar a longo prazo, só para satisfazer os vícios humanos no momento presente.

Niklas Luhmann em uma de suas obras que trata sobre como a sociedade está cada vez mais complexa, pelo tanto de informação, e que os sistemas sociais são necessários para a filtragem, diz que “servem para a mediação entre a extrema complexidade do mundo e a capacidade muito menor, dificilmente alterável por razões antropológicas, do homem para a elaboração consciente da vivência” (Luhmann, 2005, p. 80). Assim, mostra-se que o salto tecnológico que ocorreu em poucos anos, o ser humano não foi preparado para tanta informação e complexidade ao mesmo tempo, só havendo o recebimento, sem saber o que fazer ou como filtrar tantas coisas ao mesmo tempo.

Por fim, demonstra-se que os métodos arcaicos utilizados pela sociedade até o momento atual, não são os mais eficazes para que a condição humana tenha uma vivência saudável e conserve os recursos naturais que são imprescindíveis para a sua sobrevivência, pois a sociedade mudou como um todo, devendo encontrar meios para se adequar.

#### **4 A RELAÇÃO SER HUMANO E MEIO AMBIENTE**

A discussão a respeito da relação entre ser humano e meio ambiente se torna cada vez mais necessária, haja vista que as características mais preponderantes da sociedade atual – baseada na racionalidade e tecnicismo – como a preocupação exacerbada com o ter, com o apropriar, com o lucro, com o descobrir e o manipular, demonstram que cada vez mais o homem se coloca como o centro de existência, distanciando-se cada vez mais do reconhecimento como ente pertencente ao todo.

A sociedade atual, ao ter dificuldades em compreender a verdadeira condição humana que, conforme os ensinamentos de Edgar Morin (2007) explicitados acima, possibilita uma dominação da natureza, ao haver uma falta de auto identificação com a mesma, facilitando condutas como a exploração predatória de recursos naturais, incentivada pelo alto padrão consumista da sociedade.

A ideologia capitalista atual revela uma dinâmica baseada na busca pelo capital e pelo lucro, promovendo um modo de vida egoísta e individualista, incompatíveis com noções de alteridade e solidariedade intra e intergeracional. Dessa forma, o impacto do ser humano no planeta é extremamente significativo, não sendo necessariamente positivo (Brito, 2017).

É inegável que, historicamente, o ser humano sempre se relacionou com o ambiente em que está inserido, estudando, explorando e moldando-se culturalmente em torno dos recursos naturais e biológicos em que encontra-se em contato. Entretanto, o desenvolvimento da ciência e da técnica modificou de forma significativa a relação do ser humano com a natureza.

Assim, a sociedade contemporânea é impulsionada pelo quadrimotor dos avanços científicos, técnicos, industriais e capitalistas, conceito criado por Edgar Morin (2007). Esse quadrimotor é protagonista de crises sociais, culturais e éticas, e tem o potencial de levar a humanidade a um destino incerto, gerando questionamentos acerca das consequências drásticas que se apresentam.

Neste sentido:

A produção em massa, o aumento populacional, a melhora na expectativa de vida, a criação de novas tecnologias, os conflitos bélicos e subdesenvolvimento são fatores que agravaram os impactos ambientais no planeta, modificando o equilíbrio da biosfera e contribuindo para o agravamento de problemas como o aquecimento global, a escassez de água, a contaminação de oceanos e rios, e a extinção de espécies. E, mesmo com a seriedade desses problemas, a busca incessante pelo crescimento econômico ainda segue aliada à falta de conscientização de grande parte da população mundial, devido à carência de educação ambiental. (Brito, 2017, p. 138).

Todas essas situações apontadas acima derivam diretamente da relação entre o ser humano e a natureza que, atualmente se baseia numa perspectiva antropocêntrica. Esta fundamenta-se na concepção de que o ser humano é uma parte externa ao meio-ambiente, o qual pode ser submetido e dominado. O ser humano é o único sujeito moral pois é o único dotado de razão e vontade livre. Assim, o meio ambiente é valorado conforme os custos e benefícios que podem oferecer ao ser humano. (Naves e Brito, 2016).

Este é “o grande equívoco ético-moral da era moderna, que instrumentalizou, por intermédio da tecnociência, a sua relação homem natureza, ao ponto de não só intervir na biosfera como também transformá-la, submetendo-a;” (Naves e Brito, 2012, p. 1518). Essa relação gerou, inclusive, o que os especialistas chamam de sexta extinção em massa da biodiversidade. A perda da biodiversidade é um fenômeno natural, consequência da própria evolução do planeta. Estima-se que cerca de mais de 99% das espécies já existentes foram extintas, pois o planeta passou por cinco extinções em massa que ocorreram por razões naturais. Entretanto, a sexta extinção em massa, a qual vivemos atualmente, é causada pelo próprio ser humano, sendo diferente de todas as outras que a precederam (Antunes, 2014).

Neste sentido, aponta-se o crescimento populacional, a produção industrial, a utilização de combustíveis fósseis e o consumo de água. Os dados são cada vez mais preocupantes e, “(...) se faz necessária uma mudança paradigmática dos objetivos políticos e econômicos, a fim de evitarmos a exploração desenfreada dos recursos naturais, ante o perigo real e próximo de esgotamento dos recursos naturais em nosso planeta” (Paulitsch e Wolkmer, 2011, p. 218).

Assim, enfrenta-se um perigo sem precedentes, o qual não se possui parâmetros para mensurar concretamente. Especulações das mais alarmantes e complexas existem, como a narrada no livro objeto deste artigo, as quais não podemos ignorar ou refutar completamente pois, apesar de distópicas, não estão muito longe da realidade atual, sendo possível se identificar facilmente com a realidade retratada no livro.

Os problemas enfrentados atualmente geram complexas perguntas e, neste sentido, interessante é a seguinte citação:

Se no “velho mundo” o homem não encontrava respostas às suas infundáveis perguntas, porque estas estavam para além-Cosmos, o “novo mundo” o desafia a encontrar novas respostas que estão no interior da sua própria ação desgovernada, o que anseia por possuir, atropelando o idílico frescor da existência. (Naves e Brito, 2012, p. 1515)

Não há como negar a existência de paradoxos e questionamentos no atual contexto vivido em sociedade, principalmente no tocante à necessidade de se alcançar o desenvolvimento sustentável e como esse desenvolvimento sustentável poderá ser alcançado. Claro é que as respostas, apesar de ainda não reveladas, dependem de uma verdadeira reflexão acerca do próprio comportamento do ser humano.

É inegável que a preocupação ambiental vem crescendo gradativamente desde a década de 70 do século passado, cujo marco foi a Declaração de Estocolmo de 1972. Desde então, vários tratados internacionais foram firmados, os países se engajaram a criar legislações protetivas ao meio ambiente e o desenvolvimento sustentável se tornou o grande objetivo a ser atingido. Entretanto, há que se reconhecer que a relação homem e natureza é complexa e interdisciplinar, não sendo suficiente criar legislações e políticas públicas de conservação e preservação se não se pensar em um novo paradigma ecológico e ético.

Neste sentido,

Portanto, a crise ambiental é também a crise do ser humano em sua subjetividade. Isso porque o respeito e a consideração devidos ao meio ambiente estão intimamente relacionados com o respeito e o equilíbrio do ser humano consigo mesmo, exigindo uma mudança conceitual de paradigma no que tange à concepção de bem-estar do homem, à questão das gerações futuras e à consideração da natureza como detentora de um valor intrínseco a ser respeitado. (...) Nesse sentido, a Ética Ambiental pode ser considerada como aquela que advém da necessidade de reexaminarmos nossos valores e princípios em razão dos problemas ambientais e à necessidade de compreendermos as razões que definem a relação do homem com a natureza. Não basta um despertar da consciência individual, necessitamos uma redefinição do quadro ético. (Paulitsch e Wolkmer, 2011, p. 221).

Esse novo paradigma ético deve prezar pela ruptura da ética ambiental antropocêntrica, reconhecendo que o ser humano não é o centro da natureza, mas é parte integrante dessa. Neste âmbito, há que se reconhecer que existe uma complexidade intrínseca entre ser humano e natureza, o que demanda uma análise holística da compreensão entre todos os componentes dessa relação. Ademais, a problemática da relação ser humano e natureza impõe não só uma postura de engajamento teórico, mas uma mudança de comportamentos, interpretações e formas de pensar as relações (Paulitsch e Wolkmer, 2011).

A primeira questão que se deve atentar é ao reconhecimento da condição humana. Segundo Edgar Morin (2007), o ser humano é capaz de, enquanto sujeito, tornar-se o próprio objeto de reflexão, sem deixar de ser sujeito, ou seja, tem a consciência de si mesmo. Essa

capacidade de reflexão possibilita que se desenvolvam teorias para explicar o que é o ser humano e o seu papel no mundo. Identifica-se algumas características singulares como a consciência, a linguagem, a cultura, dentre outros.

Esses traços singulares geram dúvidas com relação à autocompreensão do ser humano, principalmente no que concerne à sua relação com outros seres vivos, se ele é um elemento da natureza ou se está fora desta. “Essa reflexão contém em si um dualismo, pois traz um questionamento sobre a natureza do ser humano em termos reducionistas e contrapostos: ou o homem é natureza, ou o homem é cultura” (Brito, 2017, p. 44). Entretanto, esse dualismo é prejudicial, pois encara os problemas de forma simplificada e compartimentada, e não complexa que leva em consideração o papel do todo e do unitário.

No âmbito da ciência, o dualismo está presente na estrutura do conhecimento, que se baseia em sujeito que conhece e objeto que é conhecido (Gómez-Heras, 2008). Assim, se se leva essa estrutura para a relação homem e natureza, identifica-se que a natureza é o objeto, que carece de valores intrínsecos e pode ser explorado e mercantilizado. Essa base dualista dificulta que o ser humano se enxergue como objeto a ser conhecido e estudado, ele é o sujeito conhecedor e manipulador, o único com relevância moral. É necessário, portanto, um modelo de conhecimento que seja integrador, que reconheça o valor da natureza e reconheça que o ser humano faz parte dela (Gómez-Heras, 2008).

Perceber-se como ser humano, ao mesmo tempo diferente e semelhante aos demais seres vivos é fruto de uma concepção complexa da natureza humana, que supera dualismos e reducionismos. A forma de pensamento complexa possibilita também um maior respeito com a natureza, em moldes éticos, e representa um freio filosófico do processo de exploração exacerbada e insustentável do meio ambiente. (Brito, 2017).

Edgar Morin (2007) utiliza o conhecimento complexo para analisar a condição humana, considerando que o ser humano estudado está contido no objeto, assim como reconhecendo a coexistência entre unidade e diversidade humana e assimilando, de forma não compartimentada, todas as dimensões humanas – físicas, biológicas, psicológicas, mitológicas, sociais, sociológicas, econômicas e históricas. Edgar Morin entende que o ser humano é 100% biológico e 100% cultural, estando ao mesmo tempo dentro e fora da natureza.

A existência da cultura, da linguagem, da comunicação, da capacidade de reflexão e consciência, a criatividade, a existência de sentimentos e afetividade, são aspectos singulares que diferenciam de forma radical o ser

humano das outras espécies. Porém, a constituição genética e biológica coloca o ser humano dentro da biodiversidade e do meio ambiente, que revelam a sua identificação como espécie, e seu pertencimento à natureza. Estes dois aspectos são constitutivos da condição humana e não são excludentes, pelo contrário, devem ser vistos em harmonia. Ser 100% cultura e 100% natureza ao mesmo tempo revela uma complexidade, que é o ponto de partida e fundamento para a teoria de Edgar Morin (2007a), que defende que a condição humana pressupõe um elemento biológico e um psicossociocultural, e, assim, é constituída por uma trindade, que engloba o indivíduo, a sociedade e a espécie. (Brito, 2017, p. 46).

Considerando essa complexidade da condição humana, a ética deve acompanhar, partindo de um pressuposto da complexidade, buscando religação entre pensamentos, conhecimentos e a relação entre unidade e diversidade, enfrentando ambiguidades e contradições. A ética também deve buscar o princípio da inclusão, ou seja, a consideração para com o outro, exercida por meio da solidariedade (Morin, 2007b).

A crise ética presente na sociedade atual é devida à desarticulação do vínculo entre indivíduo, sociedade e espécie, pois existe uma sobreposição do indivíduo sobre os outros, havendo uma superioridade do egocentrismo, perdendo-se o referencial de espécie. Assim, “todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de religação; religação com um outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana” (Morin, 2007b, p. 21).

Portanto, a relação ser humano e natureza precisa ser repensada, resgatando o senso de que o ser humano é um elemento da biodiversidade, mesmo com todas as suas especificidades que o tornam um sujeito singular para que se consiga criar um senso ético com relação à natureza, o que possibilitará, de forma mais efetiva, a busca pelo desenvolvimento sustentável.

## **5 A NECESSÁRIA DISCUSSÃO BIOÉTICA PARA SE ALCANÇAR O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

O livro “*Androides sonham com ovelhas elétricas*” retrata uma realidade distópica não muito distante da realidade que vivemos atualmente não necessariamente por conta das situações vivenciadas pelos personagens, mas sim pela plausibilidade das mesmas, principalmente pelo ritmo com o qual a tecnologia se desenvolve, a exploração cresce, a degradação ambiental aumenta e os conflitos político, econômicos e sociais se tornam mais complexos.

Neste contexto, a noção de desenvolvimento sustentável aparece como um objetivo a ser alcançado, como a solução dos paradoxos existentes entre o desejo de crescimento econômico, a urgência pela preservação ambiental e a necessidade de se ofertar o bem-estar social de forma difusa.

A expressão desenvolvimento sustentável surgiu no século passado, mas as preocupações que envolvem tal expressão remontam à Revolução Industrial, marco histórico no qual se percebe uma mudança drástica da forma como o homem se relaciona com o meio ambiente. Fatores como a produção em massa, o aumento populacional, a melhora na expectativa de vida, criação de novas tecnologias e os conflitos bélicos criaram um impacto ambiental como nunca antes havia ocorrido, modificando o equilíbrio da biosfera. Assim, percebeu-se que as diversas condutas humanas podem gerar impactos negativos no meio ambiente, atingindo gerações presentes e futuras. (Brito, 2016).

Os debates que envolvem a temática do desenvolvimento sustentável fundam-se, basicamente, nas discussões acerca da possibilidade ou necessidade de se aliar a busca pelo crescimento econômico e a proteção do meio ambiente. Tal debate está coberto de polêmicas e de falta de consenso, principalmente pela existência de posicionamentos contraditórios de cunho pessimista ou otimista, que são definidores da atuação política e econômica dos Estados.

Desenvolvimento sustentável é uma expressão que engloba dois componentes distintos, que são a ideia de desenvolvimento e a ideia de sustentabilidade. José Eli da Veiga (2010a), ao explicar a concepção de desenvolvimento, enfrenta vários entendimentos contraditórios, mas já de início, joga por terra a concepção de que desenvolvimento se reduz a crescimento econômico, já que “no crescimento a mudança é quantitativa, enquanto no desenvolvimento ela é qualitativa”. (Veiga, 2010a, p. 56).

As sociedades possuem muito mais necessidades além da posse de riquezas e dinheiro, sendo que o bem-estar de uma comunidade depende de acesso à educação, à saúde, saneamento básico, alimentação, cultura e, conseqüentemente, um meio ambiente equilibrado.

A existência de tais fatores não necessariamente está ligada à presença de grandes indústrias ou de expressivo mercado econômico, fato este comprovado pela existência de muitos países industrializados de relevante expressão econômica, nos quais grande parte da população não tem acesso a bens materiais necessários a uma vida digna, como é o caso do Brasil, que ainda carece de infraestrutura e saneamento básico em algumas regiões, além dos baixos índices de qualidade no que concerne à saúde e à educação. Desta forma, a persistência de problemas mundiais como a fome, a pobreza, a violação de liberdades e outros direitos



individuais, situações que estão presentes tanto em países com altas taxas de crescimento econômico quanto os de média e de baixa, demonstra que o crescimento econômico não pode ser visto como o fator essencial para o desenvolvimento, já que não garante, por si só, uma qualidade de vida satisfatória.

José Eli da Veiga (2010a) explica que a superação desses problemas depende da promoção da liberdade individual, já que esta é o principal meio e fim do desenvolvimento. Desta forma, o desenvolvimento,

Consiste na eliminação de tudo o que limita as escolhas e as oportunidades das pessoas. O crescimento econômico obviamente pode ser muito importante como um meio de expandir as liberdades desfrutadas pelos membros de uma sociedade. Mas as liberdades também dependem de muitos outros determinantes, como os serviços de educação e saúde, ou os direitos civis. A industrialização, o progresso tecnológico ou a modernização social podem contribuir substancialmente para a expansão da liberdade humana mas esta depende também de outras influências. (...) O desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação da liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência de Estados repressivos. (Veiga, 2010a, p. 34).

Assim, o desenvolvimento não pode ser alcançado unicamente pela força de mercado, mas pela promoção dos direitos humanos e pela satisfação das necessidades básicas da população e efetivação do acesso equitativo à educação, cultura, saúde, segurança, saneamento básico, dentre outros. Percebe-se, assim, que o desenvolvimento não poderá ser alcançado sem a garantia de um mínimo de bem-estar para as populações. Neste sentido, a garantia de um meio ambiente equilibrado é imprescindível para se atingir esse bem-estar, se concretizando através da conscientização e da prática do que é chamado sustentabilidade.

A sustentabilidade pode ser vista como uma alternativa equilibrada para tratar da possibilidade de se aliar o crescimento econômico e a conservação ambiental, refutando os posicionamentos extremistas que, quando positivos, simplesmente refutam a existência do dilema entre conservação do meio ambiente e economia e, quando negativos, entendem ser impossível a conservação do meio ambiente sem que haja um decréscimo na economia. O equilíbrio que a sustentabilidade busca trazer está exatamente em incentivar o desenvolvimento e não o crescimento econômico, através de uma utilização mais adequada dos recursos materiais e naturais, proporcionando benefícios para o conjunto da população, compatibilizando o crescimento econômico com a redução da pobreza e a conservação ambiental. Para José Eli da Veiga (Veiga e Zatz, 2008), a sustentabilidade necessita do reconhecimento de que existem

limites naturais à expansão das atividades econômicas, sendo imprescindível que se descarte a lógica social do consumismo.

Mas por que é necessário que se promova o desenvolvimento sustentável? Segundo José Eli da Veiga a sustentabilidade

é um imperativo global que chegou para ficar, em virtude da percepção de que a biosfera, em níveis global, regional, nacional e local, está sendo submetida a pressões insuportáveis e prejudiciais para o próprio desenvolvimento e condições de vida. (2010a, p. 187).

Assim, o desenvolvimento sustentável implica em reduzir a insustentabilidade, ou seja, evitar as práticas que causam maiores impactos ao meio ambiente, como, por exemplo, a utilização de combustíveis fósseis (como o petróleo) que aumentam a concentração de gases do efeito estufa, agravando o aquecimento global, o desperdício de água, dentre outros. A redução da insustentabilidade pode ser feita tanto com a diminuição ou extinção de determinada prática, ou pela adoção de alternativas ecologicamente mais adequadas. Dentre estas tem-se as políticas de diminuição da emissão de gases poluentes; a utilização de matrizes energéticas renováveis, diminuição da dependência de combustíveis fósseis; a utilização de materiais biodegradáveis; a prática de uma educação ambiental que contemple a conscientização ecológica da população e que busque promover a conservação do meio ambiente através de práticas sustentáveis como a economia de água, luz, prática da reciclagem, dentre outros.

A agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável é um importante documento elaborado pelo PNUD que traz diversos objetivos que devem ser perseguidos para que se alcance o desenvolvimento sustentável. Tais objetivos envolvem a erradicação da pobreza, promoção da agricultura sustentável, promoção da saúde e bem-estar, garantir educação de qualidade, promover a igualdade de gênero, fornecer água potável e saneamento, garantir energia acessível e limpa, alcançar patamares de trabalho decente e crescimento econômico, investir em indústria, inovação e infraestrutura, redução das desigualdades, promover a criação de cidades e comunidades sustentáveis, incentivar o consumo e a produção responsáveis, criar ações contra a mudança global do clima, preservar a vida na água, a vida terrestre, promover a paz, a justiça e instituições eficazes e, por fim, incentivar parcerias internacionais e meios de implementação (ONU, 2015).

Percebe-se que esses objetivos não se limitam à preocupação ambiental, o desenvolvimento sustentável é muito mais amplo e se relaciona aos ramos político, socioeconômico, cultural, educacional, sendo que

o mais importante avanço na evolução do conceito de sustentabilidade é representado pelo consenso crescente que esta requer e implica democracia política, equidade social, eficiência econômica, diversidade cultural, proteção e conservação do meio ambiente. (Rattner, 1999, p. 240).

Portanto, a necessidade do desenvolvimento sustentável se faz presente pelo fato de que este não diz respeito apenas às preocupações ambientais, ele é mais amplo e objetiva, em suma, a garantia dos direitos fundamentais (individuais e coletivos) das gerações presentes e futuras, buscando ofertar a estas a oportunidade de viver em um ambiente equilibrado, no qual possam exercer todos os seus direitos de forma livre. Desta forma, é imprescindível que se adote tal perspectiva não só nas agendas políticas e econômicas dos Estados, mas também como estilo de vida das populações, através de simples práticas cotidianas que tem a potencialidade de fazer a diferença.

Entretanto, realizar esses objetivos não será possível se não houver uma mudança na postura ética com relação à natureza. Para se criar novos comportamentos que irão culminar em políticas, leis e metas, primeiramente é necessário repensar a atuação humana na natureza, pois os fundamentos éticos são essenciais para a mudança de comportamento que uma postura de sustentabilidade demanda.

Hans Jonas (2006) explica que a ética clássica é de base antropocêntrica, pois considera apenas a existência humana e suas relações, não se considera e tampouco se valoriza o que é externo ao ser humano, portanto, não é adequada para tratar dos problemas ambientais.

Há que se pensar em novos paradigmas para a ética, sendo a bioética um bom ponto de partida pois ela “avalia, pois, as interações entre os homens, entre estes e outros seres vivos, isto é, é a Ética em todas as suas implicações com a vida, de forma a garantir sua continuidade e a construir parâmetros de dignidade” (Sá e Naves 2015, p. 61).

Conforme exposto em tópico anterior, o reconhecimento da condição humana, nos moldes trazidos por Edgar Morin, como um ser pertencente à natureza é imprescindível para que haja essa mudança ética. É tendência humana pensar e ter empatia somente com os seus iguais, pois possuem uma valoração intrínseca, portanto, para que se desenvolva a alteridade com o os outros seres, é necessário que se reconheça esses outros seres como semelhantes, mesmo em suas diferenças.

Um possível desdobramento desse reconhecimento da condição humana e mudança nos patamares éticos, é o desenvolvimento de um senso de responsabilidade. Conforme Hans Jonas (2006) essa responsabilidade deve se fundamentar em um novo imperativo categórico ético,

que consiste em agir “de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” (2006, p. 47-48). Esse imperativo força os seres humanos a pensar na humanidade em seu caráter coletivo, nas presentes e futuras gerações e também pensar no ambiente em que se vive. Assim,

O princípio responsabilidade leva a pensar nas pequenas atitudes cotidianas que o ser humano toma hodiernamente, além de suscitar a reflexão acerca das convicções íntimas de cada indivíduo. Se somos responsáveis, devemos refletir acerca de nossas ações e termos consciência de que estas geram riscos, cabendo, portanto, escolher aqueles que devemos ou queremos assumir. (Brito, 2016, p. 147).

Portanto, a ética pensada nessa perspectiva é o único passo inicial possível para se buscar o desenvolvimento sustentável, por meio de uma reformulação de comportamentos, de estruturas econômicas de mercado, e reconhecimento do valor de todas as formas de vida na Terra e a necessária interrelação entre elas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia vem mudando a forma como lidamos com o mundo e com o meio ambiente. Em tempos mais remotos a natureza era vista com temor, como um ente a ser temido, a ser venerado e respeitado. O ser humano era pequeno e sem poder perto de todos os fenômenos, antes inexplicáveis, que ocorriam. Entretanto, com o avanço da técnica e da ciência, o ser humano percebeu que ele poderia prever fenômenos e até mesmo controlá-los. Essa mudança de paradigma causada pelo desenvolvimento da tecnologia fez com que o ser humano passasse a adotar uma postura antropocêntrica com relação à natureza. Postura essa que domina, que explora e leva em consideração somente os interesses egoístas da espécie humana, desprezando as demais.

É certo que o poder de dominação possibilitado pela tecnologia não está afastado de todo o risco que a tecnologia traz para a sociedade e, se antes havia temor acerca dos fenômenos naturais que ocorriam, hoje o temor é a respeito dos fenômenos artificialmente criados pelo ser humano. E, diante dessa realidade de risco e incertezas, a literatura tem um vasto campo para atuar e criticar e é neste sentido que a obra “Androides sonham com ovelhas elétricas?” se apresenta. Um futuro distópico degradante, excludente, ameaçador e avançado

tecnologicamente se apresenta de forma tão distante, mas tão próximo à realidade vivida atualmente.

A poeira radioativa, a escassez de recursos naturais, o quase extermínio dos animais, a migração para marte, o sintetizador de humor, a caixa de empatia e a criação de animais elétricos e de androides programados e tão avançados que se apresentam no limiar entre artificial e o humano, são elementos de uma realidade que é descrita de forma degradante e indesejável. E, apesar desses elementos parecerem muito distantes da realidade atual, eles são extremamente plausíveis quando refletimos acerca dos caminhos que estão sendo trilhados pela sociedade atual.

A realidade tratada por Philip K. Dick foi tomada como uma realidade indesejada, a qual não se quer atingir e, portanto, as atitudes que estão sendo tomadas hoje precisam ser repensadas. Neste sentido, o desenvolvimento sustentável, expressão que abarca o objetivo de se atingir uma sociedade economicamente desenvolvida, com altos índices de bem-estar social, aliada a uma conservação da natureza, para as presentes e futuras gerações, se torna o grande objetivo da humanidade, pois se apresenta como a saída para se evitar o colapso ambiental, social e econômico.

Entretanto, o desenvolvimento sustentável demanda práticas e mudanças de atitudes que só serão possíveis a partir do momento em que o ser humano comece a repensar a sua relação com o meio ambiente, abandonando a postura antropocêntrica exacerbada.

Portanto, esse artigo tratou sobre o primeiro passo que deve ser dado rumo ao desenvolvimento sustentável, que é compreender a condição humana e conseqüentemente reavaliar a relação ser humano e meio ambiente. A partir da teoria de Edgar Morin, percebe-se que o ser humano não é uma espécie que está acima das outras espécies, mas é uma espécie como as demais, que vive de forma interdependente. O ser humano faz parte da natureza e esta faz parte do ser humano. A cultura, a sociedade e a individualidade de cada um existe, mas isso não exclui o componente natureza que faz parte de cada um de nós e nos faz semelhantes a qualquer outra espécie.

Perceber, portanto, que somos também natureza e que as agressões perpetradas a ela também nos atinge é o passo crucial para que se possa mudar de atitude e de comportamento em busca de um desenvolvimento sustentável.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Paulo de Bessa. *Direito ambiental*. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2014. 1420p.

ARENDDT, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, 352p.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, 272p.

BRITO, Nathalia Bastos do Vale. Capitalismo, meio ambiente e bioética: é possível alcançar a sustentabilidade?. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 16, n. 190, 2016. p. 136-149. Disponível em: < <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32753>>. Acesso em: 22 out. 2019.

BRITO, Nathalia Bastos do Vale. *Patrimônio genético humano, biodiversidade e propriedade intelectual: uma discussão acerca das patentes e a privatização do patrimônio da espécie*. Dissertação (Mestrado em Direito). Escola Superior Dom Helder Câmara, Belo Horizonte, 2017, 209 f.

DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*. São Paulo: Aleph, 2014, 272p.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução de Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: PUC Rio/Contraponto, 2006.

GÓMEZ-HERAS, José Maria García. Éticas aplicadas e investigación: dualismo hombre-naturaleza o copertencia? *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, v. 184, n. 730, p. 187-196, 2008.

LUHMANN, Niklas. *Sociologia como teoria dos sistemas sociais*. Santos: José Manuel (org). O pensamento de Niklas Luhmann. Universidade da Beira Interior, 2005, 371p.

The Matrix (Matrix), Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski, produção Joel Silver, Distribuição: Warner Bros. EUA, 1999.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007a. 309p.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007b. 222p.

NAVES, Bruno Torquato de Oliveira; REIS, Émilien Vilas Boas. *Bioética ambiental: premissas para o diálogo entre a Ética, a Bioética, o Biodireito e o Direito Ambiental*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016. 229 p.

NAVES, Bruno Torquato de Oliveira; BRITO, Franclim Jorge Sobral de. Segunda modernidade e responsabilidade: a questão ambiental a partir da interface entre tecnociência e ética à luz do pensamento de Hans Jonas. In: ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI, 21, 2012, Uberlândia, *Anais do XXI Encontro Nacional do CONPEDI*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012. p. 1514-1530. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=3d8e28caf901313a>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

ONU. *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. 2015. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2019.

PAULITSCH, Nicole da Silva; WOLKMER, Maria de Fátima Schumacher. Ética ambiental e crise ecológica: reflexões necessárias em busca da sustentabilidade. *Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável*, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 211, abr. 2012. ISSN 21798699. Disponível em: <<http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/222>>. Acesso em: 13 out. 2019.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Pará de Minas: Virtual Books, 2003, 32p.

RATTNER, Henrique. Sustentabilidade – uma visão humanista. *Ambiente e Sociedade*. Ano II, nº5, 2º semestre de 1999. p. 233-240. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/asoc/n5/n5a20>>. Acesso em: 9 out. 2019.

SÁ, Maria de Fátima Freire de; NAVES, Bruno Torquato. *Manual de biodireito*. 3. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2015. 432p.

VEIGA, José Eli. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010a. 226p.

VEIGA, José Eli. Economia em transição. In: ALMEIDA, Fernando (coord.) *Desenvolvimento Sustentável, 2012-2050: visão, rumos e contradições*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 3-14.

VEIGA, José Eli. *Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor*. São Paulo: Senac, 2010b. 160p.

VEIGA, José Eli; ZATZ, Lia. *Desenvolvimento sustentável: que bicho é esse?*. Campinas: Autores Associados, 2008. 77p.